



Julio 2019 - ISSN: 1696-8352

## **AS RELAÇÕES COMERCIAIS DO BRASIL COM OS DEMAIS BRICS: ANÁLISE E CLASSIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS COMERCIALIZADOS (2001-2016)**

**George Henrique de Moura Cunha<sup>1</sup>**

**Gabriel Luna<sup>2</sup>**

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

George Henrique de Moura Cunha y Gabriel Luna (2019): "As Relações Comerciais do Brasil com os demais BRICS: Análise e classificação dos Principais Produtos Comercializados (2001-2016)", Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana (julio 2019). En línea:

<https://www.eumed.net/rev/oel/2019/07/relacoes-comerciais-brasil.html>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo analisar as relações comerciais do Brasil com os demais países integrantes do BRICS entre os anos de 2001 e 2016, focando em identificar os principais tipos de produtos envolvidos nesse comércio e a significância desse comércio para a Balança Comercial brasileira. Qual o peso para a balança comercial brasileira do comércio entre o Brasil e esses demais mercados? Será o Brasil nessas relações apenas um exportador de matéria-prima e importador de manufaturados como ao longo de boa parte de sua história o país foi conhecido? Para responder a essas perguntas foram levantados dados dos produtos transacionados entre o Brasil e esses países. Após uma cuidadosa análise, concluiu-se que esses mercados têm grande significância na Balança brasileira, sendo a China o grande destaque, e que em relação a esses países, de forma geral, o Brasil continua importando produtos mais manufaturados do que aqueles que exporta, apesar de não serem apenas matéria-prima.

Palavras-Chave: 1. BRICS; 2. Brasil; 3. Relações Comerciais; 4. Produtos Comercializados.

### **ABSTRACT**

The present work aims to analyze Brazil's trade relations towards the other BRICS member countries between 2001 and 2016, focusing on identifying the main types of products associated with this trade and how significant it is for the Brazilian trade balance. What is the relevance of the trades between Brazil and these other markets for the Brazilian trade balance? Is Brazil in these trades only an exporter of raw material and importer of manufactured goods as throughout much of its history the country has been known for? Data on the products traded between Brazil and these countries was collected in order to answer these questions. After a careful analysis, it was concluded that these markets have great significance in the Brazilian Balance, with China being the main highlight, and towards these countries Brazil usually continues to import more manufactured products than those it exports, although they are not only raw materials.

Keywords: 1. BRICS; 2. Brazil; 3. Trade relations; 4. Traded products;

<sup>1</sup> Doutor em Economia pela Universidade de Brasília – UNB. Departamento de Economia, Universidade de Brasília, ECO/UnB. E-mail: georgehmc@outlook.com

<sup>2</sup> Bacharel em Economia pela Universidade Católica de Brasília – UCB. E-mail: gabriel\_gvo@hotmail.com

## RESUMEN

El presente trabajo tiene por objetivo analizar las relaciones comerciales de Brasil con los demás países integrantes del BRICS entre los años 2001 y 2016, enfocando en identificar los principales tipos de productos involucrados en ese comercio y la significancia de ese comercio para la Balanza Comercial brasileña. ¿Cuál es el peso para la balanza comercial brasileña del comercio entre Brasil y esos demás mercados? ¿Será Brasil en esas relaciones sólo un exportador de materia prima e importador de manufacturas como a lo largo de buena parte de su historia el país fue conocido? Para responder a esas preguntas se levantaron datos de los productos transados entre Brasil y esos países. Después de un cuidadoso análisis, se concluyó que estos mercados tienen gran importancia en la balanza brasileña, siendo China el gran destaque, y que, en relación a esos países, de forma general, Brasil sigue importando productos más manufacturados que los que exporta, a pesar de que no son sólo materia prima.

Palabras clave: 1. BRICS; 2. Brasil; 3. Relaciones Comerciales; 4. Productos comercializados

### 1. Introdução

Compreender a economia internacional tem se tornado cada vez mais importante, principalmente nos dias de hoje. As economias estão mais interligadas do que nunca, através da comercialização e investimento entre as nações. O comércio mundial está em constante movimento, sempre alterando sua direção e composição (KRUGMAN, 2010, p. 1,13).

Nesse ambiente surgem os BRICS (inicialmente BRIC) um grupo que já se origina com esse nome, criado em 2001 pelo Instituto Goldman Sachs em alusão a “brick”, que vem do inglês e significa tijolo. Esse grupo reunia inicialmente quatro países emergentes que se destacavam pelo crescimento acelerado, apesar de certas diferenças apresentadas por entre eles. Esses partilham de várias características em comum e vêm aumentando cada vez mais a sua participação no comércio internacional. Alguns anos após o surgimento do grupo (oficialmente em 2011), um quinto país foi incorporado: a África do Sul (HAFFNER e MONTEIRO; 2011). Rapidamente os BRICS viraram interesse mundial devido a sua possível potencialidade, sendo, por tanto, de suma importância seu estudo. (BAUMANN, 2010)

Dessa forma, esse trabalho tem por principal objetivo analisar esse peculiar grupo conhecido como BRICS focando em suas relações comerciais, principalmente no que tange aos produtos comercializados entre o Brasil e os países constituintes desse grupo. Tal análise deverá apontar quais são os bens exportados e importados pelo Brasil em relação aos BRICS de forma mais expressiva, observando assim se esse comércio é mais intensivo em produtos agrícolas, industriais ou em serviços, e quais seriam esses produtos. Além disso, o presente estudo tentará quantificar o peso das exportações e importações entre o Brasil e esses demais países para o comércio exterior brasileiro, identificando a significância do BRICS para o Brasil nesse âmbito.

Essa será uma pesquisa de cunho quantitativo e bibliográfico, já que para chegar às conclusões finais também será realizada uma pesquisa bibliográfica que, segundo Cervo e Bervian (2002, p. 65), tem como base as referências teóricas já existentes em outros documentos. Além

disso, serão utilizadas técnicas de dedução e indução com base em todos os dados levantados nesse estudo. É importante lembrar que essas duas técnicas se complementam, se recorrendo a ambas para chegar a um resultado a partir de uma análise. (CANNABRAVA, 1956, p. 222)

Inicialmente, será feita uma revisão da literatura existente acerca do assunto, com destaque para os trabalhos de O'Neill (2001) e Baumann (2010), além de vários outros trabalhos que buscam analisar as relações entre o Brasil e os outros membros dos BRICS, além de trazerem suas principais características e semelhanças. A seleção desses trabalhos foi realizada de forma analítica e avaliativa buscando considerar as informações que poderão auxiliar de forma direta ou indireta a essa pesquisa. Com esses trabalhos será possível criar uma base teórica embasada pelos estudiosos criadores de fundamentos básicos relacionados ao assunto, como a teoria da vantagem absoluta de Smith (1979), a teoria das vantagens comparativas de Ricardo (1979), o modelo de Heckscher-Ohlin, a teoria do ciclo do produto de Vernon (1966) e o modelo de concorrência imperfeita de Krugman (1979).

Essa base será o ponto inicial da pesquisa proporcionando conhecer e entender a formação, as características e peculiaridades deste grupo (BRICS), e servirá ainda de referencial para os possíveis resultados a serem alcançados com este trabalho. Serão levantadas as quantidades dos 4 principais produtos comercializados (exportados e importados) entre o Brasil e os demais países do BRICS (2001-2016). Esses dados serão extraídos da base de dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) e do World Development Indicators (WDI), disponíveis em seus respectivos sites, para a elaboração de tabelas e gráficos, tornando os dados mais ilustrativos. A escolha desses produtos será feita a partir da maior frequência de ocorrência destes entre as primeiras posições de produtos comercializados entre estes países. Ao final, após uma análise quantitativa, será conhecido quais dentre esses produtos são os predominantes, podendo, assim, enquadrá-los em produtos agrícolas, industrializados ou serviços, de acordo com a sua natureza.

Outra análise a ser feita é em relação ao peso do comércio entre o Brasil e os demais países do BRICS para o comércio exterior brasileiro. Para isso serão extraídos da mesma base de dados (MDIC e WDI) as quantidades de exportação e importação entre o Brasil e o resto do mundo, e entre o Brasil e os outros membros do BRICS (2001-2016). Através de uma comparação quantitativa entre os volumes de exportação e importação entre o Brasil e o resto do mundo, e Brasil e BRICS, poderá se chegar a conclusão da significância para o Brasil do comércio Brasil-BRICS.

Para este estudo foi escolhido o período de 2001 a 2016, pois 2001 representa o ano em que o termo BRICS (inicialmente BRIC) foi primeiro utilizado, e no momento da realização dessa pesquisa a base de dados existente só se estendia até o ano de 2016. Dessa forma, poderá observar-se a evolução destes dados durante esse dado período.

## **2. Uma visão geral dos BRICS**

O acrônimo BRICS foi criado por Jim O'Neill em seu estudo intitulado "Building Better Global Economic BRICs", de 2001. Tal acrônimo representava, inicialmente, quatro países que se

destacavam como mercados emergentes: Brasil, Rússia, Índia e China. A África do Sul não foi incluída originalmente na proposta de O'Neill. Em geral, organizações e grupos são constituídos por Estados a partir de ambições em comum, vínculos culturais, históricos ou geográficos (BARBOSA; 2009; p. 99). Porém, um fato interessante sobre esse acrônimo é que ele não surgiu para nomear um grupo já formado, mas sim para representar um conjunto de países que tinha semelhanças, e que, no entanto, até então não se caracterizava como tal. Só após a menção desse acrônimo é que esses países passaram a se enxergar como um grupo e tomar ações nesse sentido. É o que observou Renato Baumann em "O Brasil e os demais BRICS - Comércio e Política" (2001):

*"Este é provavelmente um caso sem precedente histórico, no qual um acrônimo é convertido em motivação expressiva de esforços diplomáticos e de iniciativas comerciais." (BAUMANN, 2001).*

O ingresso da África do Sul no grupo só aconteceu em 2011, com a 3ª Cúpula dos BRICS. Seu ingresso gerou controvérsias, levando inclusive O'Neill a discordar que esse país tivesse o mesmo perfil que os demais integrantes do conjunto. Tal discordância teve fundamento no fato da África do Sul ter uma população (24ª maior do mundo), área territorial (25ª maior do mundo) e crescimento econômico médio (3,6% ao ano entre 2001-2010) inferiores aos demais membros dos BRICS e outros possíveis candidatos a ingressar no grupo. Um dos principais motivos para justificar inserção seria o de ter um representante da África no bloco, servindo como uma porta de entrada para o Continente (DE MORAES e RIBEIRO, 2015).

Em 2001, os BRICS se destacavam por apresentar taxas de crescimento econômico bastante significativas quando comparadas às dos países membros do G7 (Estados Unidos, Alemanha, Canadá, França, Itália Japão e Reino Unido), que por sua vez representam as maiores potências econômicas do mundo. Além de tais taxas, os BRICS estavam aumentando cada vez mais a sua porcentagem de participação no PIB mundial, demonstrando mais uma vez sua crescente significância (O'NEILL, 2001). Apesar de nos anos 2000 ter sido observada uma ampla contribuição desses mercados emergentes na elevação da produção mundial, o que se observa na recente década é uma brusca desaceleração do desempenho do PIB destes países. A dúvida é se esse é um movimento momentâneo ou duradouro (THE ECONOMIST, 2010).

O fato das economias que compõem os BRICS não serem mais mercados emergentes tão fortes como costumavam ser, levanta dúvidas quanto ao seu futuro. Mesmo esse grupo tendo como premissa de lançamento ser um conjunto de potências em ascensão, o fato disso não corresponder mais tão fielmente ao quadro atual não significa que o bloco esteja obsoleto. Com o passar do tempo o grupo foi ganhando um peso político, dando mais significância à coalizão. Isso pode ser observado, por exemplo, com a criação em 2014 do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), também conhecido como banco dos BRICS, que mostra que ainda há um impulso para manter a coalizão e relevância do grupo (BBC BRASIL, 2016).

## 2.1. Das Características

Apesar desses países não formarem um grupo econômico, eles apresentam características muito semelhantes entre si, que vão além de serem apenas mercados emergentes. Podemos observar semelhanças quanto às dimensões territoriais, o crescente peso na economia mundial nos últimos anos e as elevadas taxas de crescimento econômico (BAUMANN, 2010).

Tabela 1 - População (milhões de habitantes) em 2001 e 2016

País	Número de Habitantes em 2001	(% Do Total do Mundo em 2001)	Número de Habitantes em 2016	(% Do Total do Mundo em 2016)
<b>Brasil</b>	178,42	2,88	207,65	2,79
<b>Rússia</b>	146,00	2,36	144,34	1,94
<b>Índia</b>	1.071,90	17,30	1.324,17	17,79
<b>China</b>	1.271,80	20,53	1.378,67	18,53
<b>África do Sul</b>	45,00	0,73	55,91	0,75
<b>BRICS TOTAL</b>	<b>2.713,12</b>	<b>43,80</b>	<b>3.110,74</b>	<b>41,80</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do World Bank, World Development Indicators – WDI.

A tabela 1 mostra que apesar do peso demográfico ser variado, esse conjunto de países representa 41,8% da população mundial em 2016, mais de 3 bilhões de pessoas. Sendo que só a China e Índia juntas representam 36,3%. Em um comparativo com 2001 (ano em que os BRICS foram primeiro mencionados) observamos que não ocorreram mudanças significativas. Esses países também apresentam grandes dimensões demográficas, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2 - Área Geográfica (milhões de km<sup>2</sup>)

País	km <sup>2</sup>
<b>Brasil</b>	8,5
<b>Rússia</b>	17,1
<b>Índia</b>	3,3
<b>China</b>	9,6
<b>África do Sul</b>	1,2
<b>TOTAL</b>	<b>39,7</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do World Bank, World Development Indicators – WDI.

Na tabela 3 fica evidente a diferença na densidade demográfica entre esses países. Vale observar que uma maior concentração de pessoas pode ter efeitos sobre os fatores de produção, seja em relação ao custo da mão de obra, seja pela ótica dos estímulos de demanda, devido à grande aglomeração de pessoas (BAUMANN, 2010). E analisando a tabela 4 observa-se que apenas dois países apresentam crescimento negativo, Rússia e Brasil, enquanto a Índia ultrapassou a China em crescimento.

Tabela 3 - Densidade Demográfica em 2016 (habitantes por km<sup>2</sup>)

País	km <sup>2</sup>
<b>Brasil</b>	25
<b>Rússia</b>	9
<b>Índia</b>	445
<b>China</b>	147
<b>África do Sul</b>	46
<b>MUNDO</b>	<b>57</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do World Bank, World Development Indicators – WDI.

Apesar do ritmo de crescimento não ser o mesmo entre esses países, fica claro na tabela 5 que, juntos, eles apresentam um crescimento expressivo mostrando a importância dessas economias na economia mundial. Juntos, os PIBs desses países passaram de 7,9 % do PIB mundial em 1990 para 22,29% em 2016, representando quase que um quarto do PIB mundial.

Tabela 4 - Crescimento do PIB em 2001 e 2016

País	2001	2016
<b>Brasil</b>	1,70%	-3,60%
<b>Rússia</b>	5,10%	-0,20%
<b>Índia</b>	4,80%	7,10%
<b>China</b>	8,30%	6,70%
<b>África do Sul</b>	2,70%	0,30%
<b>MUNDO</b>	<b>2%</b>	<b>2,40%</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do World Bank, World Development Indicators – WDI.

Nota-se ainda que o crescimento de participação mais expressivo se deu à China, cujo peso relativo no produto mundial aumentou quase que 10 vezes no dado período, enquanto os demais países mantiveram praticamente o mesmo peso, ou até diminuíram. Isso tudo reforça a tendência apontada por Paulo Roberto de Almeida (2009,5) de que a China se tornará a única economia dos BRICS que de fato, tem condições de deixar o título de economia emergente e tornar-se uma economia dominante.

Tabela 5 - BRICS: Participação (%) no PIB mundial, 1990, 2008 e 2016

País	1990	2008	2016
<b>Brasil</b>	2,1	2,7	2,4
<b>Rússia</b>	2,3	2,6	1,7
<b>Índia</b>	1,4	1,9	3,0
<b>China</b>	1,6	7,2	14,8
<b>África do Sul</b>	0,5	0,45	0,4
<b>BRICS TOTAL</b>	<b>7,9</b>	<b>14,85</b>	<b>22,29</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do World Bank, World Development Indicators – WDI.

## 2.2. DAS RELAÇÕES COMERCIAIS

O comércio faz parte das dinâmicas das sociedades há muito, e vem cada vez mais transformando e auxiliando o seu desenvolvimento. “Ao longo da sua existência, o comércio de mercadorias ajudou a moldar a sociedade em que conhecemos, possibilitando a integração de comunidades isoladas em função de interesses comuns”. (CUNHA; MOREIRA; OLIVEIRA, 2014). Assim sendo, o comércio tem sido objeto de estudo de renomeados pensadores e estudiosos, que buscam tentar entender desde sua origem ao seu funcionamento ideal. Para Smith (1979), um dos precursores no estudo do comércio internacional, o comércio com outros Estados pode trazer uma melhora significativa ao bem-estar de uma nação. Em sua obra *A Riqueza das Nações* (1776) ele faz uma análise aprofundada do comércio e sugere que as trocas feitas de forma voluntária entre Estados podem ser benéficas a ambos os envolvidos, isso graças ao que ele denomina Teoria das Vantagens Absolutas. Tal teoria se baseia no princípio preconizado por Smith, o do livre comércio, e diz que uma nação terá vantagem em relação à outra devido a uma maior produtividade de certo bem. Se o país “A” consegue produzir uma mesma quantidade do bem “Z” que o país “B”, porém utilizando menos insumos e assim tendo menos custos, então “A” tem uma vantagem absoluta na produção de “Z” e deverá assim produzi-lo e exportar o que não for consumido para “B” e importar aqueles produtos em que não tem absoluta vantagem.

Algumas décadas após Smith apresentar sua teoria Ricardo (1979) a aperfeiçoou elaborando uma nova teoria, a das vantagens comparativas, descrita em sua publicação: *Princípios de Economia Política e Tributação*. Nessa teoria ele leva em conta quantas unidades de um produto duas nações devem deixar de produzir para produzir apenas outro produto, ou seja, o custo de oportunidade relativa. Levando isso em conta, os países deveriam focar sua produção em bens nos quais tenham vantagem comparativa em relação a outros países, importando os bens sobre os quais não tem essa vantagem na produção, a um preço inferior ao de produzi-lo internamente. Essas vantagens surgem do fato de que diferentes bens apresentam diferenças de produtividade do fator trabalho, devido ao clima e ao ambiente de cada país. Isso tornaria o comércio internacional benéfico a todos, uma vez que mesmo que você não tivesse vantagem absoluta na produção de um bem, ainda assim você poderia produzi-lo uma vez que houvesse uma vantagem relativa em relação às outras nações.

Já no século XX um novo modelo surge, o de Heckscher-Ohlin, também conhecido como teoria das proporções de fatores. Teorema apresentado por dois economistas suecos<sup>3</sup> propõe que será exportado por um país os bens que empregam intensivamente em sua produção um fator de relativa abundância e baixo valor, e serão importados aqueles bens que utilizem de forma intensiva em sua produção um fator de relativa escassez e valor elevado. Logo, por exemplo, nações com relativa abundância de mão de obra exportarão bens intensivos na utilização desse valor, importando bens intensivos em capital.

---

<sup>3</sup> - Eli Heckcher e Bertil Ohlin -

Ainda no século XX surgem novas teorias que ficam conhecidas como modernas teorias de comércio internacional. Dentre elas se destacam a Teoria do Ciclo do Produto de Vernon (1966) e o modelo exposto por Krugman (1979) de concorrência imperfeita. Na teoria de Vernon as vantagens comparativas são dinâmicas, enquanto os modelos de concorrência imperfeita têm um enfoque na diferenciação do produto e nas economias de escala, segundo Feenstra (2003). A diferenciação do produto e as economias de escalas seriam então a fonte do comércio infraindústria e o que geraria ganho no comércio internacional. Esses ganhos surgem pelo fato de que as economias deixam de produzir uma série de bens que necessitam para se focar uma quantidade menor, permitindo a produção em grande escala pelas empresas, preços de mercado mais baixos e custos médios menores. Ao mesmo tempo, o comércio internacional permite que a diversidade de produtos oferecidos aos consumidores não seja afetada, uma vez que cada economia produz certa variedade de bens para o mercado interno e externo, importando aqueles bens que não são produzidos internamente, porém são demandados. (BORGES e FRAGA, apud; 2016)

### **2.2.1. Brasil e os demais BRICS**

Assim como outras colônias dominadas por grandes potências, o Brasil teve desde o início sua economia voltada para fora. O país herdou uma economia voltada para a exportação de produtos primários para países desenvolvidos e para mudar esse quadro passou investir na industrialização do país, levando a economia a um grande crescimento. Todavia, o que se vê nos anos recentes é um país retornando ao posto de típico exportador de matérias-primas, o que não atrapalhou o crescimento do país. (HAFFNER e MONTEIRO, 2011)

Almeida (2009) faz uma interessante introdução ao Brasil em seu artigo O Papel do BRICS na Economia Mundial:

*“O Brasil, finalmente, é uma típica criação colonial, com a lenta constituição de uma economia bem-sucedida, no quadro de uma construção estatal mais precoce. O Brasil teve um Estado unificado antes de ter uma economia integrada. O Estado foi o elemento indutor da construção de uma economia industrial, bastante moderna para os padrões dos países “periféricos”. Trata-se de um país “contente” com sua geografia e tranqüilo quanto ao relacionamento regional. Esse contexto de “paz regional” – pelo menos desde o final da Guerra do Paraguai – e de ausência de reais ameaças externas definem o Brasil em sua singularidade geopolítica e deve ser considerado com um “ativo” positivo no seu processo de inserção regional e internacional.” (ALMEIDA; 2009)*

Muito se questiona da participação do Brasil nos BRICS. No artigo “BRIC and beyond” (2007) essa participação já era questionado por Goldman Sachs que apontava uma série de falhas que por sua vez impediam o país de prosperar, como baixas taxas de investimento e poupança, falta de infraestrutura e alta carga tributária e taxas de juro. Ele dizia que apesar do país estar crescendo, na época, a uma média anual de apenas 2,7% enquanto China, Índia e Rússia cresciam a 10,2%, 8,0% e 6,9%, respectivamente, o país tinha potencial de crescimento muito maior, pelo menos 3,7% a



época. Já O'Neill (2001) dizia que o país deveria se focar na redução da inflação, e que não havia a necessidade de o país crescer muito acima de 3%.

O Brasil se beneficiou durante um ano do boom das commodities, porém esse boom foi perdendo força e o país foi se tornando um país caro, perdendo a competitividade de sua indústria graças a sua moeda forte. Entre 1990 e 2010 a produtividade brasileira cresceu apenas 1,3%, enquanto a da China e Índia cresceram a 8,3% e 4,7%, respectivamente, no mesmo período. Apesar das baixas taxas de crescimento, deve-se levar em conta que o Brasil tem uma economia mais madura que a chinesa e a indiana, além de um PIB per capita superior. O país também apresenta uma série de atributos como uma vasta quantidade de recursos naturais e terras, e tem abaixado significativamente a desigualdade racial e econômica. Tudo isso mostra que o país merece sim fazer parte dos BRICS (CNN, 2013).

### **2.2.2. Brasil e Rússia: Relações Comerciais**

O comércio exterior russo tem uma estrutura caracterizada por ter sua exportação concentrada em recursos naturais - da quantidade exportada, 2/3 é de minerais e combustíveis, em especial gás, petróleo, alumínio e carvão. Quando se trata dos produtos que o país importa o destaque se dá aos equipamentos e máquinas, açúcar, carne, remédios e bens de consumo. Essas importações vêm principalmente da China, Alemanha, Japão e Ucrânia, enquanto a suas exportações de destinam principalmente para a Ásia e Europa (DA SILVA e PERUFFO, 2012).

As relações comerciais entre Brasil e Rússia são bastante antigas e distantes. Elas têm início quando a Rússia reconhece o Brasil como uma nação independente, em 1827, ou mais especificamente em 1928, quando ocorre um estabelecimento mútuo de representações diplomáticas entre essas nações (BACIGALUPO, 2000). O comércio russo-brasileiro tem sido caracterizado basicamente por produtos primários de origem mineral e industrializados em setores que processam recursos naturais, no que tange as exportações do Brasil, e quanto às exportações russas há um predomínio de produtos químicos. Produtos como açúcar em cana, fumo não faturado e soja em grão, são exportados de forma expressiva pelo Brasil para Rússia, enquanto nitrato de amônio, ureia com teor de nitrogênio e diidrogenio-ortofosfato de amônio são os principais importados pelo Brasil da Rússia (DA SILVA e PERUFFO; 2012).

Há uma grande dificuldade de introduzir produtos não tropicais que são tradicionalmente exportados pelo Brasil, como frango e soja, no mercado russo, ou mesmo produtos primários ou manufaturados, devido a um maior costume de fornecedores desenvolvidos, com condições de transporte e financiamento melhores. Tendo em vista que tanto a Rússia quanto o Brasil são países de proporção continental, pode-se considerar o comércio entre eles escasso e muito restrito a produtos primários. Nesse sentido, as autoridades governamentais incentivam uma ação mais decidida do setor privado de ambas as economias. Ambos os países também têm espaços parecidos na divisão internacional do trabalho, sendo basicamente consumidores de tecnologias e capital. Há

então uma vontade política de reforçar e concretizar a cooperação no campo técnico-científico (BACIGALUPO; 2000).

### **2.2.3. Brasil e Índia: Relações Comerciais**

A Índia há muito tempo vem sofrendo com a dura divisão que tem como base o sistema de castas e com as enormes desigualdades entre seus habitantes. O país já passou pelo domínio do Império Mongol e Inglês e era majoritariamente agrícola tornando-se líder na produção manufatureira. Atualmente os principais problemas que o país enfrenta, de acordo com o Banco Mundial, são referentes à infraestrutura, Déficit Fiscal, Leis Trabalhistas e ao setor financeiro. Mas apesar desses entraves a economia indiana se encontra em pleno desenvolvimento, além de contar com inflação sob controle, reservas internacionais e déficit administrável, tudo isso garante um bom crescimento da economia (HAFFNER e MONTEIRO; 2011).

O Brasil e a Índia possuem diversas semelhanças, é o que observa Guimarães:

“Brasil e Índia compartilham semelhanças e interesses comuns por serem "grandes países periféricos", o que os distingue radicalmente dos países médios e pequenos da periferia. Grandes países periféricos seriam aqueles países não- desenvolvidos, de grande população e de grande território contínuo, não-inóspito, razoavelmente passível de exploração econômica” (GUIMARÃES, 1998, p. 9).

Tem-se observado um estreitamento nas relações comerciais dos dois países e mesmo da Índia com a região latino-americana, criando laços por meio de trocas comerciais e acordos. Nos dias atuais, o crescimento brasileiro não está ameaçado pela Índia, uma vez que essa economia vem se especializando em áreas diferentes das brasileiras no âmbito das exportações. Entretanto, no futuro essa ameaça pode vir a surgir (HAFFNER e MONTEIRO; 2011).

No que tange as exportações, há uma concentração das pautas de exportação, tanto pelo Brasil, quanto pela Índia. O Brasil tem exportado para Índia principalmente óleo bruto de petróleo, sulfeto de minérios de cobre, óleo de soja e açúcar em cana. Por outro lado, o Brasil tem importado da Índia principalmente óleo diesel e diversos produtos têxteis (DA SILVA e PERUFFO; 2012).

A área na qual a Índia tem tido maior crescimento é na de serviços de informação, mas ainda assim isso não estava atrapalhando as exportações de “Tecnologia da Informação” do Brasil, que, na verdade, ainda apresentavam crescimento. Isso ocorre pelo fato de que as categorias produzidas pelos dois países são complementares (HAFFNER e MONTEIRO; 2011).

Alguns obstáculos têm atrapalhado as relações comerciais indo-brasileiras, sendo o principal deles o custo do transporte. A logística e locomoção dos produtos envolvem altos custos que não advêm apenas da grande distância entre os dois países, mas também das descasarias escalas realizadas no trajeto. Outros problemas envolvem a concorrência chinesa devido às barreiras impostas pelo Brasil e os problemas de infraestrutura indiano, que chegam a ser piores que os brasileiros (HAFFNER e MONTEIRO; 2011).

#### **2.2.4. Brasil e China: Relações Comerciais**

Nos últimos 20 anos a economia Chinesa vem crescendo de forma surpreendente. Grande parte das multinacionais têm fabricado seus bens com mão de obra chinesa, motivadas pelo seu baixo custo, que, na maioria das vezes, é inferior ao de seu país de origem. Além da força de trabalho barata o governo local proporciona grandes incentivos e isso cria um ambiente próspero para novos investimentos no país. Todos esses fatores acabaram por levar a China ao posto de segunda maior economia mundial. (CUNHA, MOREIRA, OLIVEIRA; 2014)

Uma das primeiras aproximações entre Brasil e China, a nível comercial, ocorreu 1978, quando um acordo que estabeleceu a cláusula de Nação mais favorecida quanto às trocas comerciais realizadas entre Brasil e China, almejando também um aumento de intercâmbio entre esses dois países (DA SILVA e PERUFFO; 2012).

Nas relações comerciais Sino-brasileiras cada país apresenta fator relevante quando se pensa em termos comparativos. O Brasil, por exemplo, tem maior quantidade relativa de terra disponível, ao tempo que a China dispõe relativamente de mais força de trabalho e capital. Sob essa ótica poderia se concluir que, dadas às condições, um comércio de mercado livre entre essas economias levaria a China a se especializar em manufaturas que sejam intensivas em trabalho e de produtos que sejam intensivos em capital, enquanto o Brasil se especializaria no fornecimento de produtos agrícolas e minerais, que por sua vez tem baixo valor agregado (CUNHA, MOREIRA, OLIVEIRA; 2014).

No que toca as pautas de exportação desses países, o Brasil tem se concentrado em três principais produtos: soja em grão, minério de ferro e óleo bruto de petróleo. Já a China tem uma pauta de exportação para o Brasil bem mais variada, sendo composta principalmente por produtos de alta tecnologia (DA SILVA e PERUFFO; 2012).

Tendo como base o intervalo entre 2011 e 2012 pode-se observar que os três principais produtos destinados à exportação para China equivalem a três quartos de toda venda externa. Porém essa relação comercial é favorável, visto que entre 1990 e 2012 o comércio bilateral sino-brasileiro aumentou 137 vezes, elevando, em termos globais, tanto as importações quanto as exportações (CUNHA, MOREIRA, OLIVEIRA; 2014).

#### **2.2.5. Brasil e África do Sul: Relações Comerciais**

Apesar de apresentar modestos números, no continente africano a República da África do Sul é uma das economias mais significativas, e ingressou no grupo BRICS oficialmente na China, no encontro de líderes dos BRICS em 2011 (DA SILVA e PERUFFO; 2012).

O Brasil e a África do Sul são economias de perfil semelhante com complicada estrutura social e diferente formação histórico-cultural, sendo ainda as nações mais importantes de seus respectivos continentes. Dessa forma, cada país teve sua inserção internacional de forma diferente,

devido a crescente complexidade das relações internacionais. O comércio foi então o principal meio de dinamização das relações entre esses países no período de 1918 a 1947. Esse comércio tendia a favorecer o Brasil e feito de forma irregular, praticamente sem receber apoio de seus governos. O primeiro acordo assinado entre esses países foi em abril de 1939 para a troca de notas (PENNA FILHO; 2001).

São variados os tipos de produtos exportados do Brasil para a África do Sul. Os principais produtos são: pedaços e miudezas de frango congelado, tratores rodoviários para semirreboques e veículos automotores com motor a explosão e carga máxima de 5 toneladas. Já o Brasil, importa da África do Sul principalmente hulha antracite não aglomerada, paládio em formas brutas ou em pó e motores de explosão para veículos (DA SILVA e PERUFFO; 2012).

### 3. Análise das Relações Comerciais

#### 3.1. Relações Comerciais: Brasil

Na tabela 6 temos os dados da Balança Comercial brasileira, obtidos no site do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, mostrando o montante de Exportação e Importação e o saldo final dessas transações entre 2001 e 2016.

Tabela 6: Balança Comercial Brasileira (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)

Ano	Exportação Brasil	Importação Brasil	Saldo
2001	58,29	55,60	2,68
2002	60,44	47,24	13,20
2003	73,20	48,33	24,88
2004	96,68	62,84	33,84
2005	118,53	73,60	44,93
2006	137,81	91,35	46,46
2007	160,65	120,62	40,03
2008	197,94	172,98	24,96
2009	152,99	127,72	25,27
2010	201,92	181,77	20,15
2011	256,04	226,25	29,79
2012	242,58	223,18	19,39
2013	242,03	239,75	2,29
2014	225,10	229,15	-4,05
2015	191,13	171,45	19,69
2016	185,24	137,55	47,68

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Analisando esses dados nota-se um aumento considerável nessas transações em um período de apenas quinze anos, indicando uma intensificação nas relações comerciais entre o Brasil e o mundo. Além disso podemos observar que a balança se mantém positiva na maior parte desse período, indicando que o Brasil mais exportou do que importou, com exceção do ano de 2014, quando foi identificado um Déficit de mais de US\$ 4 bilhões.

### 3.1.1. Relações Comerciais: Brasil-Rússia

Na tabela 7 observamos a balança comercial Brasil-Rússia entre 2001 e 2016. Nota-se que nessa relação a participação da Rússia nas importações e exportações totais brasileiras não sofreu tantas alterações nesse período, sofrendo altas e baixas, mas sempre se mantendo entre uma porcentagem de 0,84 e 2,5%. Outro ponto a se observar é que a balança se manteve positiva para o Brasil em relação a Rússia, indicando que durante todo esse período o Brasil mais exportou do que importou.

Tabela 7: Balança Comercial Brasil-Rússia (2001-2016) em bilhões de dólares(US\$ FOB)

Ano	Exportação Brasil	Exportação Brasil-Rússia	Exportação Brasil-Rússia (%)	Importação Brasil	Importação Brasil-Rússia	Importação Brasil-Rússia (%)	Saldo Brasil-Rússia
2001	58,29	1,10	1,89%	55,60	0,46	0,84%	0,64
2002	60,44	1,25	2,07%	47,24	0,43	0,91%	0,82
2003	73,20	1,50	2,05%	48,33	0,56	1,15%	0,95
2004	96,68	1,66	1,72%	62,84	0,81	1,29%	0,85
2005	118,53	2,92	2,46%	73,60	0,72	0,98%	2,20
2006	137,81	3,44	2,50%	91,35	0,94	1,03%	2,50
2007	160,65	3,74	2,33%	120,62	1,71	1,42%	2,03
2008	197,94	4,65	2,35%	172,98	3,33	1,93%	1,32
2009	152,99	2,87	1,87%	127,72	1,41	1,11%	1,46
2010	201,92	4,15	2,06%	181,77	1,91	1,05%	2,24
2011	256,04	4,22	1,65%	226,25	2,94	1,30%	1,27
2012	242,58	3,14	1,29%	223,18	2,79	1,25%	0,35
2013	242,03	2,97	1,23%	239,75	2,68	1,12%	0,30
2014	225,10	3,83	1,70%	229,15	3,02	1,32%	0,81
2015	191,13	2,46	1,29%	171,45	2,22	1,30%	0,24
2016	185,24	2,30	1,24%	137,55	2,02	1,47%	0,28

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Já na tabela 7.1 temos os 4 principais produtos exportados pelo Brasil para a Rússia entre 2001 e 2016:

- 1- Carnes desossadas de bovino, congeladas;
- 2- Açúcar de cana, em bruto;

3- Outras carnes de suíno, congeladas;

4- Pedacos e miudezas, comestíveis de galos e galinhas, congelados;

Tabela 7.1: Principais Produtos Exportados - Brasil-Rússia (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)

Ano	Carnes desossadas de bovino, congeladas	Açúcar de cana, em bruto	Outras carnes de suíno, congeladas	Pedaços e miudezas, comest. de galos/galinhas, congelados	Total dos 4 produtos mais exportados	Total Exportado	Porcentagem dos 4 principais produtos exportados do Total exportado
<b>2001</b>	0,002	0,690	-	-	0,692	1,103	<b>63%</b>
<b>2002</b>	0,046	0,494	0,371	0,169	1,080	1,253	<b>86%</b>
<b>2003</b>	0,100	0,682	0,345	0,126	1,253	1,500	<b>84%</b>
<b>2004</b>	0,239	0,503	0,310	0,097	1,149	1,658	<b>69%</b>
<b>2005</b>	0,555	0,763	0,553	0,172	2,043	2,917	<b>70%</b>
<b>2006</b>	0,741	1,259	0,469	0,150	2,620	3,443	<b>76%</b>
<b>2007</b>	0,966	1,038	0,532	0,243	2,778	3,741	<b>74%</b>
<b>2008</b>	1,428	1,134	0,613	0,217	3,393	4,653	<b>73%</b>
<b>2009</b>	0,910	0,853	0,490	0,104	2,356	2,869	<b>82%</b>
<b>2010</b>	1,021	1,577	0,555	0,232	3,385	4,152	<b>82%</b>
<b>2011</b>	1,011	1,843	0,322	0,066	3,241	4,216	<b>77%</b>
<b>2012</b>	1,042	0,744	0,283	0,133	2,202	3,141	<b>70%</b>
<b>2013</b>	1,158	0,583	0,370	0,137	2,249	2,974	<b>76%</b>
<b>2014</b>	1,267	0,534	0,781	0,512	3,094	3,829	<b>81%</b>
<b>2015</b>	0,547	0,327	0,614	0,113	1,600	2,464	<b>65%</b>
<b>2016</b>	0,389	0,269	0,486	0,107	1,251	2,300	<b>54%</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Eles foram selecionados pela frequência de ocorrência nas primeiras posições de exportação durante o período. Alguns desses produtos não aparecem, ou aparecem com classificação diferente, em determinados anos. Os principais produtos representam mais da metade, e em alguns anos mais de dois terços de toda a exportação do Brasil para a Rússia durante todo o período, e se caracterizam por serem de natureza básica, ou semimanufaturados, sendo três, dos quatro produtos, produtos pecuários. A exportação desses produtos dificilmente ultrapassa a casa de \$ 1 bilhão durante esse período.

Na tabela 7.2 temos os 4 principais produtos importados pelo Brasil da Rússia entre 2001 e 2016:

- 1- Outros cloretos de potássio;
- 2- Ureia com teor de nitrogênio>45% em peso;
- 3- Diidrogeno-ortofosfato de amônio, incluindo mistura hidrogenada etc.;
- 4- Nitrato de amônio, mesmo em solução aquosa;

Tabela 7.2: Principais Produtos Importados - Brasil-Rússia (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)

Ano	Outros cloretos de potássio	Ureia com teor de nitrogênio>45% em peso	Diidrogeno-ortofosfato de amonio, incl.mist.hidr ogen.etc	Nitrato de amônio, mesmo em solução aquosa	Total dos 4 produtos mais importados	Total importado	Porcentagem dos 4 principais produtos importados do Total Importado
2001	0,101	-	-	-	0,101	0,464	22%
2002	0,095	0,049	0,094	0,039	0,277	0,428	65%
2003	0,136	0,082	0,110	0,017	0,346	0,555	62%
2004	0,179	0,129	0,143	0,065	0,517	0,808	64%
2005	0,176	0,142	0,100	0,011	0,429	0,722	59%
2006	0,181	0,177	0,146	0,037	0,540	0,943	57%
2007	0,299	0,358	0,298	0,118	1,073	1,710	63%
2008	0,383	0,527	0,434	0,215	1,559	3,332	47%
2009	0,448	0,249	0,013	0,145	0,855	1,412	61%
2010	0,136	0,288	0,121	0,195	0,740	1,910	39%
2011	0,219	0,455	0,432	0,462	1,568	2,944	53%
2012	0,320	0,465	0,282	0,349	1,416	2,791	51%
2013	0,502	0,339	0,322	0,369	1,533	2,676	57%
2014	0,512	0,273	0,405	0,313	1,503	3,016	50%
2015	0,435	0,146	0,295	0,248	1,124	2,221	51%
2016	0,321	0,111	0,210	0,211	0,853	2,021	42%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Eles foram selecionados pela frequência de ocorrência nas primeiras posições de importação durante o período. Alguns desses produtos não aparecem, ou aparecem com classificação diferente, em determinados anos. Os principais produtos representam, na maior parte do período, mais da metade da importação total brasileira da Rússia e se caracterizam por serem de natureza semimanufaturada ou manufaturada, tendo certo grau de industrialização. No entanto, o volume de importação desses produtos dificilmente ultrapassa a marca de \$ 0,5 bilhão durante esse período.

### 3.1.2. Relações Comerciais: Brasil-Índia

Na tabela 8 observamos a balança comercial Brasil-Índia entre 2001 e 2016. Nota-se que nessa relação a participação da Índia nas importações e exportações totais brasileiras não sofreu

tantas alterações nesses períodos, sofrendo altas e baixas, mas sempre se mantendo entre uma porcentagem de 0,49 e 2,9%. Outro ponto a se observar é que a balança se manteve negativa para o Brasil em relação a Índia na maior parte desse período, com exceção dos anos de 2002, 2003, 2004, 2009 e 2010, indicando que em todos os outros anos o Brasil mais importou do que exportou.

Tabela 8: Balança Comercial Brasil-Índia (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)

Ano	Exportação Brasil	Exportação Brasil-Índia	Exportação Brasil-Índia (%)	Importação Brasil	Importação Brasil-Índia	Importação Brasil-Índia (%)	Saldo Brasil-Índia
<b>2001</b>	58,29	0,29	0,49%	55,60	0,54	0,98%	<b>-0,26</b>
<b>2002</b>	60,44	0,65	1,08%	47,24	0,57	1,21%	<b>0,08</b>
<b>2003</b>	73,20	0,55	0,76%	48,33	0,49	1,01%	<b>0,07</b>
<b>2004</b>	96,68	0,65	0,67%	62,84	0,56	0,88%	<b>0,10</b>
<b>2005</b>	118,53	1,14	0,96%	73,60	1,20	1,63%	<b>-0,06</b>
<b>2006</b>	137,81	0,94	0,68%	91,35	1,47	1,61%	<b>-0,54</b>
<b>2007</b>	160,65	0,96	0,60%	120,62	2,17	1,80%	<b>-1,21</b>
<b>2008</b>	197,94	1,10	0,56%	172,98	3,56	2,06%	<b>-2,46</b>
<b>2009</b>	152,99	3,42	2,23%	127,72	2,19	1,72%	<b>1,22</b>
<b>2010</b>	201,92	3,49	1,73%	181,77	4,24	2,33%	<b>-0,75</b>
<b>2011</b>	256,04	3,20	1,25%	226,25	6,08	2,69%	<b>-2,88</b>
<b>2012</b>	242,58	5,58	2,30%	223,18	5,04	2,26%	<b>0,53</b>
<b>2013</b>	242,03	3,13	1,29%	239,75	6,36	2,65%	<b>-3,23</b>
<b>2014</b>	225,10	4,79	2,13%	229,15	6,64	2,90%	<b>-1,85</b>
<b>2015</b>	191,13	3,62	1,89%	171,45	4,29	2,50%	<b>-0,67</b>
<b>2016</b>	185,24	3,16	1,71%	137,55	2,48	1,80%	<b>0,68</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Já na tabela 8.1 temos os 4 principais produtos exportados pelo Brasil para a Índia entre 2001 e 2016:

- 1- Outros açúcares de cana;
- 2- Sulfetos de minérios de cobre;
- 3- Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado;
- 4- Óleos brutos de petróleo;

Eles foram selecionados pela frequência de ocorrência nas primeiras posições de exportação durante o período. Alguns desses produtos não aparecem, ou aparecem com classificação diferente, em determinados anos. Os principais produtos representam uma significativa parcela da exportação do Brasil para a Índia durante todo o período e se caracterizam por serem de natureza básica, ou



semimanufaturados. O produto de maior destaque é o Óleo bruto de Petróleo, que em diversos anos ultrapassa a quantia de \$ 1 bilhão durante esse período.

Tabela 8.1: Principais Produtos Exportados - Brasil-Índia (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)

Ano	Outros açúcares de cana	Sulfetos de minérios de cobre	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	Óleos brutos de petróleo	Total dos 4 produtos mais exportados	Total exportado	Porcentagem dos 4 principais produtos exportados do total exportado
<b>2001</b>	-	-	-	-	-	0,285	-
<b>2002</b>	-	-	-	0,333	0,333	0,654	<b>51%</b>
<b>2003</b>	-	-	-	-	-	0,554	<b>0%</b>
<b>2004</b>	0,135	0,052	0,132	-	0,318	0,653	<b>49%</b>
<b>2005</b>	0,241	0,035	0,193	0,052	0,520	1,138	<b>46%</b>
<b>2006</b>	0,003	0,146	0,104	0,200	0,453	0,939	<b>48%</b>
<b>2007</b>	0,011	0,236	0,181	-	0,428	0,958	<b>45%</b>
<b>2008</b>	0,044	0,220	0,190	0,013	0,466	1,102	<b>42%</b>
<b>2009</b>	1,326	0,135	0,132	0,873	2,466	3,415	<b>72%</b>
<b>2010</b>	0,875	0,247	0,072	1,255	2,449	3,492	<b>70%</b>
<b>2011</b>	0,121	0,419	0,165	1,703	2,407	3,201	<b>75%</b>
<b>2012</b>	0,472	0,294	0,364	3,432	4,561	5,577	<b>82%</b>
<b>2013</b>	0,435	0,185	0,233	1,587	2,439	3,130	<b>78%</b>
<b>2014</b>	0,643	0,179	0,367	2,335	3,524	4,789	<b>74%</b>
<b>2015</b>	0,457	0,159	0,552	1,103	2,271	3,617	<b>63%</b>
<b>2016</b>	0,457	0,175	0,378	0,671	1,681	3,161	<b>53%</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Na tabela 8.2 temos os 4 principais produtos importados pelo Brasil da Índia entre 2001 e 2016:

- 1- "Gasóleo" (óleo diesel);
- 2- Fios têxteis de poliésteres crus;
- 3- Fios simples de poliésteres orien. sem ou com torç. 50vol/m;
- 4- Outros compostos heterocíclicos com 1 ciclo tiazol não condensado;

Tabela 8.2: Principais Produtos Importados - Brasil-Índia (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)

Ano	"Gasóleo" (óleo diesel)	Fios têxteis de poliésteres crus	Fios simpl. poliésteres orientados s/c torç. 50vol/m	Outs. compostos heterocíclicos/1 ciclo tiazolín/condensado	Total dos 4 Produtos mais importados	Total Importado	Porcentagem dos 4 principais produtos exportados do total exportado
2001	0,245	-	-	0,042	0,287	0,543	53%
2002	0,270	-	-	0,036	0,306	0,573	53%
2003	-	-	-	-	-	0,486	-
2004	0,163	0,010	0,018	0,011	0,201	0,556	36%
2005	0,609	0,011	0,028	0,033	0,680	1,203	57%
2006	0,727	0,016	0,028	0,031	0,801	1,474	54%
2007	1,089	0,041	0,039	0,064	1,232	2,169	57%
2008	1,525	0,071	0,056	0,075	1,727	3,564	48%
2009	0,542	0,034	0,038	0,077	0,691	2,191	32%
2010	1,731	0,143	0,047	0,072	1,993	4,242	47%
2011	3,125	0,151	0,048	0,019	3,344	6,081	55%
2012	2,085	0,176	0,049	0,025	2,335	5,043	46%
2013	3,344	0,177	0,059	0,073	3,653	6,358	57%
2014	3,496	0,143	0,078	0,032	3,749	6,640	56%
2015	1,587	0,113	0,031	0,009	1,739	4,290	41%
2016	0,169	0,116	0,035	0,041	0,361	2,483	15%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Eles foram selecionados pela frequência de ocorrência nas primeiras posições de importação durante o período. Alguns desses produtos não aparecem, ou aparecem com classificação diferente, em determinados anos. Os principais produtos representam, na maior parte do período, uma porcentagem próxima ou um pouco superior a metade da importação total brasileira da Índia e se caracterizam por serem de natureza semimanufaturada ou manufaturada, tendo certo grau de industrialização. O grande destaque nas importações vindas da Índia é o "gasóleo" que em diversos anos supera o valor de \$1 bilhão.

### 3.1.3. Relações Comerciais: Brasil-China

Na tabela 9 observamos a balança comercial Brasil-China entre 2001 e 2016. Nota-se que nessa relação a participação da China nas importações e exportações totais brasileiras sofreu um expressivo aumento nesse período, com as exportações passando de 3,26 em 2001 para 18,97% do total em 2016 e as importações de 2,39 em 2001 para 16,99% do total em 2016. Isso significa dizer que as importações e exportações Brasil-China chegaram a mais de um sexto do total brasileiro. Outro ponto a se observar é que a balança se manteve positiva para o Brasil em relação a China na maior parte desse período, sendo significativa a diferença nos anos de 2011 e 2016, e tendo saldos

negativos apenas nos anos de 2007 e 2008, indicando que em todos os outros anos o Brasil mais exportou do que importou.

Tabela 9: Balança Comercial Brasil-China (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)

Ano	Exportação o Brasil	Exportação Brasil-China	Exportação Brasil-China (%)	Importação Brasil	Importação Brasil-China	Importação Brasil-China (%)	Saldo Brasil- China
<b>2001</b>	58,29	1,90	3,3%	55,60	1,33	2,4%	<b>0,57</b>
<b>2002</b>	60,44	2,52	4,2%	47,24	1,55	3,3%	<b>0,97</b>
<b>2003</b>	73,20	4,53	6,2%	48,33	2,15	4,4%	<b>2,39</b>
<b>2004</b>	96,68	5,44	5,6%	62,84	3,71	5,9%	<b>1,73</b>
<b>2005</b>	118,53	6,83	5,8%	73,60	5,35	7,3%	<b>1,48</b>
<b>2006</b>	137,81	8,40	6,1%	91,35	7,99	8,7%	<b>0,41</b>
<b>2007</b>	160,65	10,75	6,7%	120,62	12,62	10,5%	<b>-1,87</b>
<b>2008</b>	197,94	16,52	8,3%	172,98	20,04	11,6%	<b>-3,52</b>
<b>2009</b>	152,99	21,00	13,7%	127,72	15,91	12,5%	<b>5,09</b>
<b>2010</b>	201,92	30,79	15,2%	181,77	25,60	14,1%	<b>5,19</b>
<b>2011</b>	256,04	44,31	17,3%	226,25	32,79	14,5%	<b>11,52</b>
<b>2012</b>	242,58	41,23	17,0%	223,18	34,25	15,3%	<b>6,98</b>
<b>2013</b>	242,03	46,03	19,0%	239,75	37,30	15,6%	<b>8,72</b>
<b>2014</b>	225,10	40,62	18,0%	229,15	37,34	16,3%	<b>3,27</b>
<b>2015</b>	191,13	35,61	18,6%	171,45	30,72	17,9%	<b>4,89</b>
<b>2016</b>	185,24	35,13	19,0%	137,55	23,36	17,0%	<b>11,77</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Já na tabela 9.1 temos os 4 principais produtos exportados pelo Brasil para a China entre 2001 e 2016:

- 5- Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura;
- 6- Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados;
- 7- Óleos brutos de petróleo;
- 8- Pasta química de madeira não conif. a soda, sulfato, semi-branq.;

Eles foram selecionados pela frequência de ocorrência nas primeiras posições de exportação durante o período. Alguns desses produtos não aparecem, ou aparecem com classificação diferente, em determinados anos. Os principais produtos representam mais da metade de toda a exportação do Brasil para a China durante todo o período e se caracterizam por serem de natureza básica, não-industrializados.

Tabela 9.1: Principais Produtos Exportados - Brasil-China (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)

Ano	Soja, mesmo triturada, exceto para sementeira	Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados	Oleos brutos de petróleo	Pasta quim.madeira de n/conif.a soda/sulfato, semi/branq	Total dos 4 Produtos mais exportados	Total Exportado	Porcentagem em dos 4 principais produtos exportados do Total exportado
<b>2001</b>	0,54	0,48	0,04	0,13	1,19	1,90	<b>62%</b>
<b>2002</b>	0,83	0,60	-	0,11	1,54	2,52	<b>61%</b>
<b>2003</b>	1,31	0,76	-	0,27	2,34	4,53	<b>52%</b>
<b>2004</b>	1,62	0,78	0,21	0,25	2,87	5,44	<b>53%</b>
<b>2005</b>	1,72	1,24	0,54	0,23	3,73	6,83	<b>55%</b>
<b>2006</b>	2,43	2,14	0,84	0,35	5,76	8,40	<b>69%</b>
<b>2007</b>	2,83	3,12	0,84	0,39	7,18	10,75	<b>67%</b>
<b>2008</b>	5,32	4,11	1,70	0,61	11,76	16,52	<b>71%</b>
<b>2009</b>	6,34	7,17	1,34	0,89	15,74	21,00	<b>75%</b>
<b>2010</b>	7,13	12,18	4,05	0,91	24,27	30,79	<b>79%</b>
<b>2011</b>	10,96	17,98	4,88	1,06	34,88	44,31	<b>79%</b>
<b>2012</b>	11,88	13,95	4,83	1,01	31,67	41,23	<b>77%</b>
<b>2013</b>	17,15	15,23	4,03	1,34	37,75	46,03	<b>82%</b>
<b>2014</b>	16,62	1,17	3,47	1,42	22,69	40,62	<b>56%</b>
<b>2015</b>	15,79	5,75	4,14	1,65	27,32	35,61	<b>77%</b>
<b>2016</b>	14,39	7,20	3,91	1,75	27,25	35,13	<b>78%</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Na tabela 9.2 temos os 4 principais produtos importados pelo Brasil da China entre 2001 e 2016:

- 1- Outras partes para aparelhos de telefonia e telegrafia;
- 2- Outras partes para aparelhos receptivos de radiodifusão, televisão, etc.;
- 3- Terminais portáteis de telefonia celular;
- 4- Tela para microcomputadores portáteis, policromática;

**Tabela 9.2: Principais Produtos Importados - Brasil-China (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)**

Ano	Outs.parts. p/apars.d/t elefonia/tel egrafia	Outs.partes p/aparelhos recept.radiodif .televisao,etc	Terminai s portáteis de telefonia celular	Tela p/microcomput adores portateis,policr omatica	Total dos 4 Produtos mais importados	Total Importado	Porcentag em dos 4 principais produtos importado s do Total Importado
<b>2001</b>	-	-	-	-	-	1,328	-
<b>2002</b>	0,200	-	-	-	0,200	1,554	<b>13%</b>
<b>2003</b>	0,124	-	-	-	0,124	2,148	<b>6%</b>
<b>2004</b>	0,162	0,099	0,026	-	0,287	3,710	<b>8%</b>
<b>2005</b>	0,396	0,091	0,102	0,008	0,597	5,355	<b>11%</b>
<b>2006</b>	0,517	0,119	0,179	0,025	0,840	7,990	<b>11%</b>
<b>2007</b>	0,714	0,150	0,156	0,099	1,118	12,621	<b>9%</b>
<b>2008</b>	0,858	0,423	0,342	0,290	1,914	20,044	<b>10%</b>
<b>2009</b>	0,414	0,477	0,168	0,239	1,298	15,911	<b>8%</b>
<b>2010</b>	0,446	1,178	0,246	0,406	2,277	25,595	<b>9%</b>
<b>2011</b>	0,644	1,360	0,592	0,468	3,064	32,791	<b>9%</b>
<b>2012</b>	0,680	1,609	0,309	0,433	3,031	34,251	<b>9%</b>
<b>2013</b>	1,005	1,717	0,466	0,480	3,667	37,304	<b>10%</b>
<b>2014</b>	1,461	1,397	0,537	0,418	3,813	37,345	<b>10%</b>
<b>2015</b>	1,261	1,186	0,370	0,248	3,066	30,719	<b>10%</b>
<b>2016</b>	1,014	0,698	0,525	0,167	2,405	23,364	<b>10%</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Eles foram selecionados pela frequência de ocorrência nas primeiras posições de importação durante o período. Alguns desses produtos não aparecem, ou aparecem com classificação diferente, em determinados anos. Os principais produtos não representam grande parcela da importação total brasileira da China e se caracterizam por serem de natureza semimanufaturada ou manufaturada, tendo certo grau de industrialização.

### 3.1.4. Relações Comerciais: Brasil-África do Sul

Na tabela 10 observamos a balança comercial Brasil-África do Sul entre 2001 e 2016. Nota-se que nessa relação a participação da África do Sul nas importações e exportações totais brasileiras não sofreu tantas alterações nesses períodos, sofrendo altas e baixas, mas sempre se mantendo entre uma porcentagem de 0,24 e 1,16%. Observa-se também que essa relação apresenta os mais baixos volumes comparados aos demais BRICS não chegando a marca de US\$ 1 bilhão nas importações Brasil-África do Sul por exemplo. Outro ponto a se observar é que a balança se manteve positiva para o Brasil em relação a África do Sul durante todo o período, indicando que durante todo esse período o Brasil mais exportou do que importou.

É importante destacar que a África do Sul não fazia parte dos BRICS até 2011, quando foi oficialmente admitida. No entanto, mesmo observando apenas o período de 2011-2016, não é possível notar expressiva mudança nos níveis e na participação da África do Sul na Balança comercial brasileira.

Tabela 10: Balança Comercial Brasil-África do Sul (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)

Ano	Exportação Brasil	Exportação Brasil-África do Sul	Exportação Brasil-África do Sul (%)	Importação Brasil	Importação Brasil-África do Sul	Importação Brasil-África do Sul (%)	Saldo Brasil-África do Sul
<b>2001</b>	58,29	0,42	0,7%	55,60	0,29	0,5%	<b>0,14</b>
<b>2002</b>	60,44	0,48	0,8%	47,24	0,18	0,4%	<b>0,30</b>
<b>2003</b>	73,20	0,73	1,0%	48,33	0,20	0,4%	<b>0,53</b>
<b>2004</b>	96,68	1,04	1,1%	62,84	0,27	0,4%	<b>0,77</b>
<b>2005</b>	118,53	1,37	1,2%	73,60	0,34	0,5%	<b>1,03</b>
<b>2006</b>	137,81	1,46	1,1%	91,35	0,43	0,5%	<b>1,03</b>
<b>2007</b>	160,65	1,76	1,1%	120,62	0,52	0,4%	<b>1,24</b>
<b>2008</b>	197,94	1,75	0,9%	172,98	0,77	0,4%	<b>0,98</b>
<b>2009</b>	152,99	1,26	0,8%	127,72	0,43	0,3%	<b>0,83</b>
<b>2010</b>	201,92	1,31	0,6%	181,77	0,75	0,4%	<b>0,56</b>
<b>2011</b>	256,04	1,68	0,7%	226,25	0,91	0,4%	<b>0,77</b>
<b>2012</b>	242,58	1,77	0,7%	223,18	0,85	0,4%	<b>0,92</b>
<b>2013</b>	242,03	1,84	0,8%	239,75	0,72	0,3%	<b>1,12</b>
<b>2014</b>	225,10	1,23	0,5%	229,15	0,73	0,3%	<b>0,49</b>
<b>2015</b>	191,13	1,35	0,7%	171,45	0,64	0,4%	<b>0,71</b>
<b>2016</b>	185,24	1,40	0,8%	137,55	0,34	0,2%	<b>1,06</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Já na tabela 10.1 temos os 4 principais produtos exportados pelo Brasil para a África do Sul entre 2001 e 2016:

- 1- Pedaçõs e miudezas, comestíveis de galos e galinhas, congelados;
- 2- Tratores rodoviários para semirreboques;
- 3- Outros veículos automóveis com motor de explosão, carga menor ou igual a 5 toneladas;
- 4- Outros açúcares de cana, beterraba, sacarose química pura, sol;

Eles foram selecionados pela frequência de ocorrência nas primeiras posições de exportação durante o período. Alguns desses produtos não aparecem, ou aparecem com classificação diferente, em determinados anos. Os principais produtos não representam uma significativa parcela da exportação do Brasil para a África do Sul no período de análise, demonstrando haver uma grande

variação nos tipos de produtos exportados. Eles se caracterizam por serem de natureza manufaturada, semimanufaturada ou básica. Nenhum desses produtos chegou a ultrapassar a marca de \$ 1 bilhão de dólares de exportação, alguns não chegando mesmo a \$ 100 milhões de dólares.

Tabela 10.1: Principais Produtos Exportados - Brasil-África do Sul (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)

Ano	Pedaços e miudezas, comest.de galos/galinhas, congelados	Tratores rodoviários p/semirreboques	Outros veículos automôveis c/motor explosão, carga<=5t	Outs. açúcares de cana, beterraba, sacarose quim.pura,sol	Total dos 4 produtos mais exportados	Total exportado	Porcentagem dos 4 principais produtos exportados do total exportado
<b>2001</b>	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,424	<b>0%</b>
<b>2002</b>	0,016	0,014	0,000	0,000	0,030	0,478	<b>6%</b>
<b>2003</b>	0,034	0,027	0,000	0,000	0,060	0,734	<b>8%</b>
<b>2004</b>	0,064	0,045	0,022	0,010	0,141	1,037	<b>14%</b>
<b>2005</b>	0,087	0,045	0,055	0,052	0,239	1,371	<b>17%</b>
<b>2006</b>	0,099	0,042	0,086	0,077	0,304	1,463	<b>21%</b>
<b>2007</b>	0,145	0,049	0,103	0,161	0,457	1,758	<b>26%</b>
<b>2008</b>	0,124	0,068	0,085	0,098	0,375	1,755	<b>21%</b>
<b>2009</b>	0,174	0,033	0,056	0,109	0,372	1,260	<b>30%</b>
<b>2010</b>	0,151	0,067	0,078	0,048	0,344	1,310	<b>26%</b>
<b>2011</b>	0,193	0,097	0,109	0,096	0,495	1,681	<b>29%</b>
<b>2012</b>	0,150	0,060	0,136	0,131	0,477	1,765	<b>27%</b>
<b>2013</b>	0,131	0,098	0,109	0,162	0,500	1,836	<b>27%</b>
<b>2014</b>	0,096	0,101	0,086	0,049	0,332	1,226	<b>27%</b>
<b>2015</b>	0,116	0,130	0,081	0,068	0,394	1,354	<b>29%</b>
<b>2016</b>	0,098	0,122	0,072	0,085	0,377	1,397	<b>27%</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Na tabela 10.2 temos os 4 principais produtos importados pelo Brasil da África do Sul entre 2001 e 2016:

- 1- Hulha antracita, não aglomerada;
- 2- Outras ligas de ferromanganês;
- 3- Outros hidrocarbonetos acíclicos não saturados;
- 4- Outros motores de explosão para veículos com capacidade de 87, superior1000cm3;

Eles foram selecionados pela frequência de ocorrência nas primeiras posições de importação durante o período. Alguns desses produtos não aparecem, ou aparecem com classificação diferente, em determinados anos. Os principais produtos não representam grande parcela da importação total brasileira da África do Sul e se caracterizam por serem de natureza semimanufaturada ou

manufaturada, tendo certo grau de industrialização. Em nenhum ano, nenhum desses produtos chega ao volume de \$ 1 bilhão de dólares, alguns não chegando se quer a \$ 100 milhões.

Tabela 10.2: Principais Produtos Importados - Brasil-África do Sul (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)

Ano	Hulha antracita, não aglomerada	Outras ligas de ferromanganes	Outros hidrocarbonetos acíclicos não saturados	Outros motores de explosão/veic .cap.87,sup.1 000cm3	Total dos 4 produtos mais importados	Total importado	Porcentagem dos 4 principais produtos exportados do total exportado
<b>2001</b>	0,028	0,000	0,000	0,000	0,028	0,286	<b>10%</b>
<b>2002</b>	0,030	0,000	0,000	0,000	0,030	0,182	<b>16%</b>
<b>2003</b>	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,202	<b>0%</b>
<b>2004</b>	0,024	0,012	0,000	0,007	0,043	0,268	<b>16%</b>
<b>2005</b>	0,028	0,019	0,005	0,008	0,060	0,342	<b>18%</b>
<b>2006</b>	0,040	0,019	0,019	0,009	0,087	0,435	<b>20%</b>
<b>2007</b>	0,048	0,037	0,021	0,009	0,115	0,522	<b>22%</b>
<b>2008</b>	0,096	0,063	0,028	0,011	0,197	0,774	<b>26%</b>
<b>2009</b>	0,043	0,023	0,019	0,003	0,088	0,433	<b>20%</b>
<b>2010</b>	0,083	0,026	0,029	0,049	0,187	0,753	<b>25%</b>
<b>2011</b>	0,117	0,025	0,034	0,050	0,226	0,912	<b>25%</b>
<b>2012</b>	0,131	0,023	0,027	0,044	0,225	0,849	<b>27%</b>
<b>2013</b>	0,090	0,019	0,015	0,032	0,156	0,720	<b>22%</b>
<b>2014</b>	0,092	0,031	0,032	0,023	0,178	0,732	<b>24%</b>
<b>2015</b>	0,087	0,024	0,017	0,016	0,144	0,645	<b>22%</b>
<b>2016</b>	0,045	0,007	0,013	0,015	0,080	0,336	<b>24%</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

### 3.1.5. Relações comerciais: Brasil-BRICS

A tabela 11 traz a participação de cada país e o total dos BRICS nas exportações brasileiras entre 2001 e 2016. É notável o aumento dessa participação, passando de 6,37% a 22,67%, chegando a quase um quarto das exportações totais. Outro ponto interessante é que durante todo esse período em nenhum ano houve uma queda no percentual total de exportações, mesmo com o déficit na balança comercial brasileira registrado em 2014 (como observado na tabela 6). Também é muito clara a expressiva participação da China nas exportações brasileiras que passaram de 3,26% do total em 2001 para 18,97% em 2016 dos 22,67% totais dos BRICS. Nenhum dos outros BRICS apresentaram tão expressivo aumento, apresentando inclusive quedas.



Tabela 11: Participação dos BRICS nas exportações Brasileiras (2001-2016)

Ano	Exportação Brasil-Rússia	Exportação Brasil-Índia	Exportação Brasil-China	Exportação Brasil-África do Sul	Total Exportações BRICS
<b>2001</b>	1,89%	0,49%	3,26%	0,73%	<b>6,37%</b>
<b>2002</b>	2,07%	1,08%	4,17%	0,79%	<b>8,12%</b>
<b>2003</b>	2,05%	0,76%	6,19%	1,00%	<b>10,00%</b>
<b>2004</b>	1,72%	0,67%	5,63%	1,07%	<b>9,09%</b>
<b>2005</b>	2,46%	0,96%	5,77%	1,16%	<b>10,34%</b>
<b>2006</b>	2,50%	0,68%	6,10%	1,06%	<b>10,34%</b>
<b>2007</b>	2,33%	0,60%	6,69%	1,09%	<b>10,71%</b>
<b>2008</b>	2,35%	0,56%	8,35%	0,89%	<b>12,14%</b>
<b>2009</b>	1,87%	2,23%	13,73%	0,82%	<b>18,66%</b>
<b>2010</b>	2,06%	1,73%	15,25%	0,65%	<b>19,68%</b>
<b>2011</b>	1,65%	1,25%	17,31%	0,66%	<b>20,86%</b>
<b>2012</b>	1,29%	2,30%	17,00%	0,73%	<b>21,32%</b>
<b>2013</b>	1,23%	1,29%	19,02%	0,76%	<b>22,30%</b>
<b>2014</b>	1,70%	2,13%	18,04%	0,54%	<b>22,42%</b>
<b>2015</b>	1,29%	1,89%	18,63%	0,71%	<b>22,52%</b>
<b>2016</b>	1,24%	1,71%	18,97%	0,75%	<b>22,67%</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

Tabela 12: Participação dos BRICS nas importações Brasileiras (2001-2016)

Ano	Importação Brasil-Rússia	Importação Brasil-Índia	Importação Brasil-China	Importação Brasil-África do Sul	Total Importações BRICS
<b>2001</b>	0,84%	0,98%	2,39%	0,51%	<b>4,71%</b>
<b>2002</b>	0,91%	1,21%	3,29%	0,38%	<b>5,79%</b>
<b>2003</b>	1,15%	1,01%	4,44%	0,42%	<b>7,02%</b>
<b>2004</b>	1,29%	0,88%	5,91%	0,43%	<b>8,50%</b>
<b>2005</b>	0,98%	1,63%	7,28%	0,46%	<b>10,35%</b>
<b>2006</b>	1,03%	1,61%	8,75%	0,48%	<b>11,87%</b>
<b>2007</b>	1,42%	1,80%	10,46%	0,43%	<b>14,11%</b>
<b>2008</b>	1,93%	2,06%	11,59%	0,45%	<b>16,02%</b>
<b>2009</b>	1,11%	1,72%	12,46%	0,34%	<b>15,62%</b>
<b>2010</b>	1,05%	2,33%	14,08%	0,41%	<b>17,88%</b>

<b>2011</b>	1,30%	2,69%	14,49%	0,40%	<b>18,89%</b>
<b>2012</b>	1,25%	2,26%	15,35%	0,38%	<b>19,24%</b>
<b>2013</b>	1,12%	2,65%	15,56%	0,30%	<b>19,63%</b>
<b>2014</b>	1,32%	2,90%	16,30%	0,32%	<b>20,83%</b>
<b>2015</b>	1,30%	2,50%	17,92%	0,38%	<b>22,09%</b>
<b>2016</b>	1,47%	1,80%	16,99%	0,24%	<b>20,50%</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC

Quanto as importações pelo Brasil dos BRICS nesse mesmo período a situação não são muito diferentes, também se observa significativo aumento, como podemos constatar na tabela 12. Elas passaram de 4,71% em 2001 para 20,5% do total importado pelo Brasil em 2016, tendo registrado em 2015 a marca de 22,09%. Assim como nas exportações, o volume mais significativo foi o importado da China, que passou de 2,39% em 2001 para 16,99% em 2016. Quanto a Rússia, Índia e África do Sul, a mudança não foi tão grande, havendo períodos de alta e períodos de baixa.

Já em relação ao saldo da Balança comercial Brasil-BRICS, observamos na tabela 13 que ele se mantém positivo durante quase todo o período, de 2001 a 2016, com exceção do ano de 2008, que por coincidência, ou não, foi o ano em que o mundo passou por uma crise financeira.

Tabela 13: Participação dos BRICS na Balança Comercial Brasileira (2001-2016) em bilhões de dólares (US\$ FOB)

<b>Ano</b>	<b>Total Exportações BRICS</b>	<b>Total Importações BRICS</b>	<b>Saldo</b>
<b>2001</b>	3,7	2,6	1,1
<b>2002</b>	4,9	2,7	2,2
<b>2003</b>	7,3	3,4	3,9
<b>2004</b>	8,8	5,3	3,4
<b>2005</b>	12,3	7,6	4,6
<b>2006</b>	14,2	10,8	3,4
<b>2007</b>	17,2	17,0	0,2
<b>2008</b>	24,0	27,7	-3,7
<b>2009</b>	28,5	19,9	8,6
<b>2010</b>	39,7	32,5	7,2
<b>2011</b>	53,4	42,7	10,7
<b>2012</b>	51,7	42,9	8,8
<b>2013</b>	54,0	47,1	6,9
<b>2014</b>	50,5	47,7	2,7
<b>2015</b>	43,0	37,9	5,2
<b>2016</b>	42,0	28,2	13,8

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC

Na tabela 14 foi feito um comparativo para demonstrar o volume do comércio realizado entre o Brasil e outros mercados nos anos de 2008 e 2016, tanto em dólares quanto em porcentagem. Fica visível que, mesmo em relação a outras grandes economias (países ou blocos), os BRICS demonstram ter atualmente o maior peso no comércio exterior brasileiro, apesar da União Europeia também números expressivos nesse comércio.

Tabela 14: Participação de Outros Países/Blocos na Balança Comercial Brasileira em bilhões de dólares (US\$ FOB)

	Exportação 2008	Importação 2008	Saldo	Exportação 2016	Importação 2016	Saldo
<b>Estados Unidos</b>	27,42	25,63	1,80	23,16	23,80	-0,65
<b>Mercosul</b>	21,74	14,93	6,80	18,38	11,59	6,79
<b>União Européia</b>	33,36	31,06	2,29	33,36	31,06	2,29
<b>BRICS</b>	24,00	27,70	-3,70	42,00	28,20	13,80
<b>Total Brasil</b>	197,94	172,98	24,96	185,24	137,55	47,69
Em Porcentagem (%)						
<b>Estados Unidos</b>	13,85	14,81	-	12,50	17,30	-
<b>Mercosul</b>	10,98	8,63	-	9,92	8,43	-
<b>União Européia</b>	16,85	17,96	-	18,01	22,58	-
<b>BRICS</b>	12,12	16,01	-	22,67	20,50	-

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços – MDIC

#### 4. Considerações Finais

Este trabalho tinha por objetivo fazer uma análise das relações comerciais do Brasil com os demais países integrantes dos BRICS entre 2001 e 2016, observando os tipos de produtos envolvidos nessas transações e a sua relevância para a balança comercial brasileira.

A pesquisa concorda com Baumann (2010) ao dizer que esses países apresentam certas semelhanças apesar de suas diferenças, fortemente observada em relação à África do Sul, que parece ser a que mais diverge do grupo, como ressaltou O'Neill. Essas diferenças parecem ter se acentuado ainda mais do que quando estudadas por Baumann e O'Neill, com o Brasil e Rússia apresentando crescimentos no PIB cada vez menores e distantes dos registrados na China e na Índia (tabela 4). Isso também pode ser observado no PIB mundial, no qual a Rússia e o Brasil vêm diminuindo sua participação e a da África do Sul permanecendo praticamente inalterada (tabela 5).

No comércio Brasil-Rússia foi constatado o que foi afirmado por Da Silva e Peruffo (2012), que essa relação envolve basicamente produtos primários e químicos. Durante o período estudado o Brasil exportou principalmente carnes e açúcar de cana, produtos pouco, ou não manufaturados, e

importou produtos químicos, que exigem uma certa manufatura (tabelas 7.1 e 7.2). Essa balança comercial se manteve positiva para o Brasil durante todo o período (2001-2016) e as participações da Rússia nas exportações totais brasileiras não passaram os 3%, e os 2% nas importações (tabela 7).

Já no que tange o comércio Brasil-Índia, também se confirma o que apontou Da Silva e Peruffo (2012). O Brasil concentrou suas exportações principalmente em açúcar de cana, sulfeto de minério, óleo de soja e óleos brutos de petróleo, produtos com um certo grau de industrialização, e as importações em “gasóleo” e produtos têxteis, também com certo grau de industrialização (tabelas 8.1 e 8.2). A balança comercial entre esses dois países se encontrou negativa para o Brasil na maior parte do período estudado sendo que nem as importações nem as exportações Indianas tiveram peso maior que 3% em relação as exportações e importações brasileiras (tabela 8).

Quanto ao comércio Brasil-China também é constatado o que afirmou Da Silva e Peruffo (2012). As exportações brasileiras são principalmente de soja, minério de ferro e óleos brutos de petróleo, produtos praticamente básicos, e as exportações chinesas se concentram em produtos de tecnologia, como partes para aparelhos de telefone e televisão, produtos esses, bem mais industrializados (tabelas 9.1 e 9.2). A balança comercial entre Brasil e China se mantém na maior parte do período (2001-2016) expressivamente de forma positiva para o Brasil, e a participação das importações e exportações chinesas nas brasileiras se tornou cada vez mais significativa com o passar do tempo, ultrapassando a marca de 15%, e mostrando assim o peso da China para a Balança comercial brasileira (tabela 9).

Por fim, no comércio Brasil-África do Sul também foi confirmado o apontado por Da Silva e Peruffo (2012). O Brasil exporta variados produtos para a África do Sul, sendo os mais significativos Pedacos e miudezas de frango, tratores rodoviários, veículos automóveis e açúcares, produtos em sua maioria com um certo grau de industrialização. Por sua vez o Brasil importa desse país principalmente hulha antracite, ligas de manganês e hidrocarbonetos, produtos também com grau de industrialização (tabelas 10.1 e 10.2). A balança comercial entre esses dois países se mantém positiva para o Brasil durante todo o período (2001-2016) e a participação da África do Sul nas Exportações brasileiras não ultrapassa 2%, e nas importações não chega a 1% (tabela 10).

De forma geral, os BRICS cresceram consideravelmente a sua participação na Balança Comercial Brasileira. A participação nas exportações, por exemplo, passou de 3,37% em 2001 para 22,67% em 2016 (tabela 11) e nas importações de 4,71% em 2001 para 20,50% em 2016 (tabela 13). Nota-se ainda que o saldo da balança comercial Brasil-BRICS se manteve positivo durante quase todo o período (2001-2016). No entanto, é importante destacar que grande parte desse volume de importação e exportação se deve a China, que tem expressiva participação na balança brasileira, sendo responsável em 2016, por exemplo, por 18,97% e 16,99% de todas as exportações e importações (respectivamente) brasileiras (tabelas 11 e 12), comprovando o que havia sido observado por Cunha, Moreira e Oliveira (2014).

Esse peso dos BRICS no comércio exterior brasileiro também ficou visível quando comparando o comércio brasileiro com os Estados Unidos, Mercosul e União Europeia (Tabela 14). Esses mercados também são significativos para a Balança comercial brasileira, mas ainda assim registram, de forma geral, números inferiores aos registrados em relação aos BRICS. Em relação aos tipos de produtos comercializados entre o Brasil e esses países, parece prevalecer a ideia apontada por Haffner e Monteiro (2011) de que o Brasil é um grande exportador de matéria-prima, apesar de também exportar certos produtos industrializados. Mesmo assim, nota-se que em relação aos BRICS, o país em geral importa produtos com maior grau de industrialização do que aqueles que exporta, sendo isso expressivamente visível no comércio Brasil-China.

Assim, os BRICS têm sim um peso significativo na Balança Comercial brasileira, mesmo que boa parte desse peso se deva à China. O Brasil em geral exporta para esses países produtos com maior grau de industrialização do que aqueles que importa. No entanto, a história do Brasil parece ter sofrido uma alteração, pelo menos no que tange aos BRICS, pois não é mais apenas uma nação exportadora de matéria-prima.

## 5. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Paulo Roberto de. O papel dos Brics na Economia Mundial. Comércio e Negociações Internacionais para Jornalistas. Rio de Janeiro, 2009, p. 57-65. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/265675385\\_O\\_papel\\_dos\\_Brics\\_na\\_economia\\_mundial](https://www.researchgate.net/publication/265675385_O_papel_dos_Brics_na_economia_mundial). Acesso em: 21 de out. 2016. p5.

BARBOSA, Rubens. A cúpula do Brics. Revista Política Externa, vol. 18, n 2 , set-out-nov, pp. 99-102, 2009.

BAUMANN, Renato. O Brasil e os demais BRICs - Comércio e Política. Brasília, DF: CEPAL. Escritório no Brasil/IPEA, 2010.

BBC BRASIL. BRICS obsoleto? Os avanços e as fraquezas do 'supergrupo' de potências emergentes. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37653981>. Acesso em: 18 de out.2016

BERVIAN, Pedro A; CERVO, Amado L. Metodologia científica. São Paulo: Ed. Pearson. 2002.

CANNABRAVA, Eurialo. Introdução à filosofia científica. São Paulo: Ed. Nacional. 1956.

CAVES, Richard E.; FRANKEL, Jeffrey e JONES, Ronald W. Economia Internacional: comércio e transações globais. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

CNN. Does Brazil deserves its 'B' for BRICS?. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2013/06/03/business/opinion-pereira-brazil-bric-economies/>. Acessado em: 3 de nov. de 2016.

CUNHA, Claussia N. A emergência dos BRICS no Cenário Internacional. SEBRAE - Integração Regional e Cooperação Sul-Sul no século XXI

CUNHA, George; MOREIRA, Tito; OLIVEIRA, Michel. Brasil e China no Século XXI: algumas projeções sobre o papel do Brasil neste fluxo de comércio entre as duas economias. Espacios. Vol. 35 (Nº 2). 2014. Pág. 8. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a14v35n02/14350208.html>. Acessado em: 2 de nov. De 2016.

DA SILVA, André Luiz Reis; PERUFFO, Luiza. O Impacto da Crise Internacional no Comércio do Brasil com os BRICS (Rússia, Índia, China e África do Sul). Austral. Vol.1 (n.2). Jul-Dez 2012. p. 177-210.

DE MORAES, Rodrigo F; RIBEIRO, Elton JJ. De BRIC a BRICS: Como a África do Sul Ingressou em um Clube de Gigantes. (Portuguese). : From BRIC to BRICS: How South Africa Joined a Club of Giants. (English). *Contexto Internacional*. 37, 1, 255-287, Jan. 2015.

FEENSTRA, R. C. Advanced international trade: theory and evidence. Princeton: Princeton University Press, 2003.

GOLDMAN SACHS. BRIC and beyond. Disponível em: <http://www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/archive-pdfs/brics-book/brics-full-book.pdf>. Acessado em: 2 de nov. De 2016.

GUIMARÃES, Samuel P. Desafios e dilemas dos grandes países periféricos: Brasil e Índia. Brasília: Revista Brasileira de Política Internacional, 1998.

HAFFNER, Jacqueline AH; MONTEIRO, Larissa de Oliveira Vanzellotti. As relações econômicas entre Índia e Brasil: trajetória e perspectivas. Proceedings of the 3rd ENABRI 2011 3 Encontro Nacional ABRI 2011, 2011.

KRUGMAN, Paul R.. Economia Internacional. 8 ed.. São Paulo: Pearson, 2010. p. 1 e 13.

KRUGMAN, P.; Increasing returns, monopolistic competition, and International trade. *Journal of International Economics*, v.9, n.4, p.469-479, 1979.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/balanca-comercial>. Acesso em: 27 de novembro de 2017.

NERI, Marcelo. Brasil: boom, Brics e Bigs. *Valor Econômico*, v. 27, 2010.

O'NEILL, Jim. Building Better Global Economic BRICs. *Global Economics Paper* n 66, 2001.

PENNA FILHO, Pio. África do Sul e Brasil: diplomacia e comércio (1918-2000). *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 44, n. 1, p. 69-93, 2001.

RICARDO, David. Princípios de Economia Política. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

SMITH, Adam. A Riqueza das Nações. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

THE ECONOMIST. Emerging Economies: The Great Deceleration. Disponível em: <http://www.economist.com/news/leaders/21582256-emerging-market-slowdown-not-beginning-bust-it-turning-point>. Acesso em: 18 de out. 2016.

VERNON, R. International investment and international trade in the product cycle. *Quarterly Journal of Economics*, v.80, n.2, p 190-207, 1966.

WORLD BANK, WORLD DEVELOPMENT INDICATORS. Disponível em: <http://data.worldbank.org/indicator>. Acesso em: 27 de novembro de 2017.